Rodrigo Mende Aguiar NUSP: 10199811

Resumo:Tawards a biology of traditions: O capítulo inicia com a autora conceituando tradição em animais não humanos, que foi definida como um comportamento aprendido e disseminado a outros indivíduos de um grupo social ao longo das gerações. A distinção entre cultura e tradição foi abordada como algo controverso entre os autores, porém no capítulo é defendida a utilização de tradição para conceituar processos de transmissão comportamental ao longo das gerações. Vale ressaltar, que um dos pontos que geram confusão entre cultura e tradição é a aprendizagem socialmente mediada, que embora seja muito bem estabelecida em humanos ainda é um fator difícil de identificar e compreender em animais não humanos. Embora, seja bem elucidado que primatas consigam compartilhar comportamentos através de aprendizagem social os mecanismos por trás desse processo não são bem elucidados e, por vezes, podem ser tratados como imitação. A autora defende que a mera imitação de um comportamento não é suficiente para que uma situação problema seja solucionada, como a quebra de coco. Nesse sentido, além da observação minuciosa do comportamento, os indivíduos precisam realizar a múltiplas tentativas de execução e realizar o ajuste fino dos movimentos a fim de alcançar o sucesso na execução do comportamento. A autora defende a investigação das tradições comportamentais a partir da perspectiva etológica, como meio de entender a relevância das tradições dentro da perspectiva dos quatro porquês. Nesse sentido, o contexto social é relevante para a aprendizagem quando o comportamento aprendido torna-se mais eficiente ou diferente de sua versão manifestada em um contexto associal. A autora também duas formas de testar a tradição em animais, o método de resíduos e o método de variação concomitante. Sendo eles, por vezes, complementares no estudo das tradições, pois podem ser aplicados em contexto naturalístico e experimental a fim de minimizar as lacunas sobre a transmissão das tradições, em especial no contexto naturalístico. Por fim, a autora cita a importância realizar investigações profundas, corroboradas em comparações entre estudos naturalísticos e experimentais para não aceitar hipóteses que pareçam plausíveis, mas podem ser explicadas de forma simples, sem a necessidade de aprendizagem de uma tradição comportamental.